

RENDEIRAS DE MARECHAL DEODORO: UM OLHAR A PARTIR DA ANÁLISE INSTITUCIONAL

Denise de Paula Lourenço de Carvalho¹

Jacyara Farias de Melo²

Iana Dorta Moura Rabelo³

Júlia Wanderley Vieira⁴

Yakira Simões de Azevedo Costa⁵

Thalita Carla de Lima Melo⁶

Psicologia



ISSN IMPRESSO 2317-1693
ISSN ELETRÔNICO 2316-672X

RESUMO

A Psicologia Social é uma área com diversas perspectivas, tratando de grupos e coletivos sociais, utilizando-se dos conceitos como: autoanálise, autogestão e outros. A autoanálise é quando as comunidades atuam de forma direta na identificação de seus problemas e necessidades e, a autogestão ocorre quando as mesmas deliberam e decidem quais atitudes devem tomar para solucionar essas questões. O objetivo deste trabalho consistiu em compreender o funcionamento de uma associação de rendeiras a partir dos conceitos operacionais da Análise Institucional – autogestão e autoanálise. O estudo foi realizado por meio de uma pesquisa de campo com enfoque qualitativo na Associação das Rendeiras de Marechal Deodoro localizada em Alagoas, e para identificar a dinâmica institucional foi realizada uma entrevista semiestruturada com dois associados. Com base nos dados coletados foi feita uma relação do contexto das rendeiras com os conceitos abordados acima. Dessa forma foi possível compreender que as artesãs, a partir do diálogo, são capazes de identificar as demandas de sua associação e um potencial para buscar ações que promovam as mudanças necessárias, o que ressalta a relevância do processo da análise institucional. No entanto, destaca-se a necessidade de um olhar mais aprofundado da psicologia voltado para essas associações.

PALAVRAS-CHAVE

Psicologia Social. Análise Institucional. Autogestão. Autoanálise. Rendeiras.

ABSTRACT

Social psychology is an area with diverse perspectives dealing with groups and social groups, using concepts such as self-analysis, self and others. The self-analysis is when communities work directly in identifying their problems and needs, and self-management occurs when they deliberate and decide what actions should be taken to address these issues. The objective of this study was to understand the functioning of a tenants association from the operational concepts of Institutional Analysis - self-management and self-analysis. The study was conducted through a qualitative approach with field research at the Tenants Association of Marechal located in Alagoas, and to identify the institutional dynamics were performed A semi-structured interview with two members. Based on the collected data was made of the context of the relationship tenants with the concepts discussed above. Thus it was possible to understand that the artisans from the dialogue, are able to identify the demands of their association and a potential for finding stocks that promote the necessary changes, which highlights the importance of institutional analysis process. However, there is a need for a more in depth look of psychology geared to these associations.

KEYWORDS

Social Psychology. Institutional Analysis. Self-Analysis. Self-Management. Lace Makers.

1 APRESENTAÇÃO

O objetivo deste trabalho consiste em compreender o funcionamento de uma associação de rendeiras com base na análise institucional. Com este intuito, foi promovido um estudo do trabalho realizado por tecelãs da Associação das Rendeiras de Marechal Deodoro, localizada em Alagoas.

Este trabalho é fundamentado sob quatro análises que julgamos relevantes para compreendermos a prática da renda no Brasil. A primeira é pautada na História do Artesanato no Brasil, trazendo a importância dessa prática para o país, citando algumas classificações do artesanato brasileiro. A segunda trata da Renda e Bordado no Brasil, diferenciando uma arte da outra e mostrando como se deu origem à renda brasileira que a priori veio trazida pelos portugueses. A terceira traz o desenvolvimento do Artesanato em Alagoas, pontuando a importância econômica que essa prática tem para os artesãos e artesãs. Por fim, o presente trabalho volta seu olhar para uma prática artesanal originária de Alagoas e que há pouco tempo foi considerada patrimônio imaterial do estado, diante dessa perspectiva é abordada a história do Bordado Filé.

Para que o objetivo proposto fosse alcançado, realizou-se uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, tendo sido utilizada uma entrevista semiestruturada,

por meio da qual foram coletados dados acerca do funcionamento da Associação das Rendeiras de Marechal Deodoro, situada em Alagoas.

Por meio do discurso das artesãs torna-se possível perceber que as mesmas possuem potencial para identificar suas necessidades, ou demandas, porém encontram dificuldades para sanar as mesmas. Sendo assim, ressalta-se a importância do papel de *expert*, como por exemplo, um Psicólogo Social, que as ajude, facilitando seu processo de autoanálise e autogestão.

Por meio da teoria da Análise Institucional, utilizando-se dos conceitos de autoanálise e autogestão foi possível analisar como o modo de organização das Rendeiras de Marechal Deodoro pode elucidar a prática dessa teoria através da Psicologia Social. Os discursos das artesãs exemplificaram a autoanálise diante da identificação de suas demandas e a autogestão diante das formas de soluções encontradas pelas mesmas.

2 RENDA E BORDADO: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS, CULTURAIS E ECONÔMICAS

De acordo com Cunha e Vieira (2009) a renda chegou ao Brasil por meio dos portugueses, espalhando-se primeiro pelo litoral e depois pelo interior. Enquanto os homens se dedicavam à pesca e as lavouras, as mulheres realizavam bordado e renda. No início foram as famílias e os colégios religiosos que difundiram a renda de agulha, que com o tempo tornou-se uma maneira de complementar a renda familiar.

Farjado, Joppert e Calage (2002) afirmam que a renda tornou-se uma maneira de garantir o sustento das rendeiras, associando a palavra a lucro ou remuneração. Isso ocorreu no século XIX por influência da cultura francesa. As meninas de classe social elevada importavam livros e revistas que ensinavam a fazer trabalhos manuais, que era a ocupação das mulheres da época, para seguir a moda. As senhoras faziam renda apenas como passatempo. As sinhás aprenderam os riscos do bordado e começaram a ensinar às mulheres que tivessem interesse. Assim surgiram as rendeiras profissionais.

A renda segundo Cunha e Vieira (2009, p. 260) “é uma obra na qual um fio, conduzido por uma agulha, ou vários fios trançados engendram um tecido e produzem combinações de linhas análogas às que o desenhista obtém com o lápis”. De acordo com o relatório de estudo de mercado do SEBRAE (2008) o bordado é uma técnica de criar desenhos em um tecido por meio de máquinas ou a mão.

Ainda segundo o mesmo autor o bordado encontra-se principalmente na região nordeste do Brasil. O Ceará é um exemplo onde os trabalhos dos artesãos ficaram conhecidos pela beleza e arte peculiar. Por meio dos tipos de bordados é possível perceber a cultura, a história e os traços característicos da região.

O artesanato é um tema importante, pois é rico em cultura, é passado de geração em geração até se chegar à contemporaneidade, mantendo a sua tradição. Segundo a Base Conceitual do Artesanato Brasileiro (2012) artesanato é tudo aquilo que é produzido com base na transformação de matérias-primas, sendo usado de forma manual por um indivíduo que tenha domínio de uma ou mais técnicas. É de extrema importância, pois nele se encontram criatividade, habilidade e identidade cultural, sendo essa identidade cultural que o diferencia das outras artes.

Keller (2011) afirma que o artesanato trata-se de um trabalho que tem tanto uma dimensão criativa e simbólica quanto econômica e mercantil. Sua participação na economia não era forte, mas atualmente com sua valorização a economia com base no artesanato tem enriquecido. Segundo a Base Conceitual do Artesanato Brasileiro (2012) a classificação do artesanato se dá por meio da origem, natureza de criação e de produção e é carregada de valores históricos e culturais.

De acordo com Farjado, Joppert e Calage (2002) a renda está presente na igreja Católica e, principalmente, no Candomblé. No Nordeste é comum se observar famílias tradicionais de marido pescador e esposa rendeira, conservando o padrão familiar da época da colonização. É nesse espaço de fabricação da renda que as mulheres criam vínculos e compartilham experiências, obtendo novas dinâmicas de relacionamentos sociais. Ainda de acordo com o autor, foi por meio do turismo que o trabalho das rendeiras foi muito divulgado.

A prática da tecelagem/bordado está historicamente ligada ao sexo feminino, de acordo com Brandão (1996) essa prática na sociedade grega era tão importante, que a deusa Atena estava ligada a esse ofício, representando os trabalhos da tecelagem, do bordado e da fiação. Inclusive, durante uma contenda com uma jovem fiandeira, a deusa guerreira transforma a moça em aranha, condenada a tecer pelo resto de sua vida, dando origem ao famoso mito de Aracne. Ainda na Grécia antiga, a representação da esposa perfeita estava conectada à figura da tecelã, como uma mulher laboriosamente ocupada, sempre voltada para o lar e o tear.

Por meio do pedido que foi encaminhado à Secretaria de Estado da Cultura em julho de 2011, contendo as instruções exigidas pela Lei nº 7.285, de 30 de novembro de 2011, o Bordado Filé foi registrado como patrimônio imaterial alagoano. A decisão unânime foi concedida por meio de uma reunião no Museu da Imagem e do Som (MISA) do Conselho Estadual de Cultura de Alagoas. A decisão foi amparada por estudos realizados pelo Laboratório da Cidade e do Contemporâneo da Universidade Federal de Alagoas. O registro foi solicitado por oito associações de artesãs apoiadas e orientadas pelo SEBRAE Alagoas, onde estão localizadas no entorno do complexo lagunar Mundaú-Manguaba, abrangendo os municípios de Maceió e Marechal Deodoro.

Patrimônio Cultural Imaterial é uma concepção que abrange as expressões culturais e as tradições que um grupo de indivíduos preserva em homenagem à sua ancestralidade, para as gerações futuras. Como exemplos de patrimônio imaterial podem-se citar os saberes, os modos de fazer, as formas de expressão, celebrações, as festas e danças populares, lendas, músicas, costumes e outras tradições. (GAZETAWEB, 2014, p. 1).

Através desta conquista o bordado filé recebeu maior visibilidade, sendo propagado como importante elemento da identidade cultural e artística do estado de Alagoas, o que se tornou possível graças à rotina do processo em que a tradição é passada de mãe para filha por meio do tecer e do ensinar a tecer.

Nas comunidades, onde a pesca foi durante muito tempo a principal fonte de renda, as mudanças nas atividades pesqueiras provocadas, principalmente pela degeneração ambiental, pela ausência de intervenções das instituições públicas e com o aumento da atividade turística na região, possibilitou que a confecção e a comercialização do filé assumissem a posição de principal atividade desenvolvida (ALVES; ALVES; PIZZI, 2012).

Ao transmitir seu ofício por meio dos fios da própria narrativa, essas educadoras das memórias não formadas em escolas tradicionais, porém no próprio espaço familiar tecem a partir da tradição suas experiências e compartilham com outras gerações. Ao estudar esses mecanismos de rememoração compreende-se a memória como produção de conhecimento em que sensibilidades, saberes e identidades se relacionam. Para tanto, a produção do ofício não pode ser considerada isolada da situação sócio histórica em que se realiza (OLIVEIRA, 2005).

3 ANÁLISE INSTITUCIONAL: UMA FORMA DE ENTENDER O FUNCIONAMENTO DE ORGANIZAÇÕES

Contextualizando a posição das organizações dentro da análise institucional, Barenblitt (2002) define instituição como sendo árvores de decisões lógicas que regulam as atividades humanas, direcionando o que é certo, o que é errado e o que é indiferente. E de acordo com seu grau de objetivação e formalização podem estar expressas em leis, normas ou hábitos. Para o autor toda instituição abarca um movimento que gera: o instituinte; um resultado: o instituído e um processo: institucionalização.

Barenblitt (2002) afirma que as organizações são formas materiais diante das quais as instituições de "encarnam" ou se realizam, e de acordo com sua dimensão vão desde um grau complexo organizacional, com um ministério, até um pequeno estabelecimento escolar. Dessa forma dentro de um modelo organizacional é possível compreender como ocorre a prática dos conceitos trazidos pela Análise Ins-

titucional. Coelho (2005, p. 430) detalha ainda mais o conceito de instituição nessa proposta teórica:

Por instituição compreende-se aqui a produção e reprodução de determinadas formas de relações sociais e de determinado conjunto de práticas, considerado como um “produto da sociedade instituinte em tal momento de sua história” (RODRIGUES e SOUZA, 1992: 33) – não uma “natureza”, mas uma forma social que decorreu de um determinado confronto de forças. A noção de instituição interroga, assim, a condição histórica e, portanto, não natural, do instituído, especialmente no que se refere às formas de relação cristalizadas socialmente, contribuindo para uma perspectiva de desnaturalização de quaisquer conjuntos de práticas, onde se devem incluir as práticas *psi*. Tais formas de relação constituem o objeto da análise institucional, que seria justamente o tipo de relação “sobre cuja propriedade a instituição reivindica monopólio de legitimidade. Definir-se como instituição é, portanto, apropriar-se de um determinado objeto”. (ALBUQUERQUE, 1978, p. 70).

Coelho (2005) aponta que as contribuições da Análise Institucional e das problematizações que propõe acerca da noção de instituição levam ainda a um questionamento acerca da constituição da profissão do psicólogo, ou seja, sobre seus saberes e práticas enquanto uma instituição. Ao problematizar o universo *psi*, deixar de considerar a dimensão institucional e seus atravessamentos implica produzir práticas naturalizadas e despolitizadas. A subjetividade nessa proposta deve ser entendida como produção social atravessada por uma série de instituições, o que leva necessariamente a psicologia para o campo da política, pois aqui não se trata de campos separados, mas imanentes.

Dentro dessa proposta o psicólogo social pode contribuir para compreensão das dinâmicas institucionais presentes nos espaços coletivos, sendo assim, atuar junto à associação de rendeiras poderia produzir uma prática de empoderamento desse coletivo. Entendendo coletivo como:

[...] uma multiplicidade que está para além e aquém do indivíduo e do social-multiplicidade de vetores e intensidades como os afetos, as sensibilidades artísticas, os movimentos sociais, isto é, todo um conjunto de forças que atravessam as formas individuais e as formas sociais, provocando a sua desestabilização e a criação de novas composições. Nesse processo de subjetivação temos, então, dois extremos: seja uma relação de alienação na qual a subjetivação é um assujeitamento a um modelo pronto

qualquer, seja um processo de expressão e criação no qual nos reapropriamos de componentes de subjetivação para criar territórios existenciais. (PASSOS; BENEVIDES, 2005, p. 97).

Segundo Baremblytt (2002) existem dois objetivos básicos no Institucionalismo, um se trata da autoanálise e o outro da autogestão. O autor conceitua esses objetivos dizendo que autoanálise consiste no fato das comunidades atuarem como protagonistas na identificação de seus problemas e necessidades. Para se ter uma comunidade autoanalisadora é necessário que a mesma possa enunciar, compreender, adquirir ou readquirir uma opinião própria a cerca de sua vida, sem a necessidade de que pessoas externas a essas comunidades venham dizer o que elas precisam, quem elas são e o que elas podem ou não conseguir.

No que diz respeito a autogestão em organizações comunitárias, Baremblytt (2002) ressalta que as mesmas deliberam e decidem quais atitudes devem tomar para solucionar seus problemas e necessidades. Existe ainda dentro delas uma hierarquia, que apesar de não estar ligada com poder, serve como moduladora de potencialidades dentro das comunidades, pois designa papéis específicos a serem desempenhados por pessoas especializadas dentro da própria comunidade.

Ainda no entendimento sobre o funcionamento das Organizações Comunitárias Carvalho, Vieira e Lopes (s/d) abordam que a perspectiva institucional abandona a ideia de um ambiente formado exclusivamente por recursos humanos, materiais e econômicos para destacar a presença de elementos culturais como: valores, símbolos, mitos, sistema de crenças e programas profissionais. E que de acordo com Baremblytt (2002) esses elementos culturais ou saberes criados pelas comunidades sociais durante anos de experiência vital, a partir do surgimento do saber científico e tecnológico são colocados de lado, em segundo plano e muitas vezes são classificados como inadequados.

Segundo Carvalho, Vieira e Lopes (s/d) a proposta dos institucionalistas é de que essa visão de ambiente formado em sua totalidade por fluxos e intercâmbios técnicos, há que acrescentar um sistema de crenças e de normas institucionalizadas que juntos representam uma fonte independente de formas organizacionais racionais.

Assim, o ambiente institucional representa um enriquecimento do que se compreende como ambiente técnico, ampliado ao domínio do simbólico. Isto significa dizer que não se pode desvalorizar todo o saber popular nem repertório simbólico e cultural dessas organizações sociais. Pois é a partir da união desse leque de conhecimentos vindos de experiências vividas e dos conhecimentos tecnológicos que essas organizações comunitárias conseguirão dirigir suas vidas.

Dentro da Análise Institucional, ainda, temos outro conceito relacionado com as Organizações Comunitárias, que é a demanda. Para Baremblytt (2002) é possível afir-

mar que as comunidades ou coletividades possuem necessidades básicas universais que garantem seu funcionamento. Essas necessidades são colocadas diariamente por meio de demandas espontâneas, por meio de exigência de produtos e serviços correspondentes. Porém o autor ainda pontua que o Institucionalismo coloca em questão se essa necessidade realmente existe ou se foi implantada dentro da comunidade.

Seeger e Chagas (2010) abordam em seu trabalho de curso a questão da demanda de orientação frente às instituições e comentam sobre a posição do psicólogo frente essas demandas de orientação. Para os autores atualmente, os psicólogos que atuam em instituições encontram a necessidade de investigar as demandas de orientação e também ampliar os conhecimentos sobre as instituições. Eles pontuam que a compreensão de uma demanda, passa por uma investigação mais ampla que apenas uma escuta ou observação de algo explícito.

Assim sendo, “olhar” para a solicitação, “escutar” um pedido ou observar um evento de uma organização não é o suficiente para compreender ou definir uma demanda, dessa forma torna-se muito mais importante à compreensão de elementos que elucidem fatores determinantes na produção de uma demanda.

Barembliitt (2002) destaca que a autoanálise e a autogestão são processos simultâneos e articulados que permitem às coletividades identificarem seus problemas e atuarem para solucioná-los. As demandas surgem como fatores de identificação de necessidades, e as demandas de orientação como colocado por Seeger e Chagas (2010) no decorrer de seu trabalho, surgem através da carência que algumas coletividades possuem para se adaptar ao universo social em que estão instaladas.

Todos esses conceitos contribuem para ajudar a analisar e compreender como um grupo de Rendeiras de Marechal Deodoro, Alagoas, atua regulando sua produção de trabalho e se organizam para suprirem as demandas que surgem dentro da sua Organização Comunitária.

4 METODOLOGIA

O trabalho se caracteriza como um estudo de campo qualitativo na Associação das Rendeiras de Marechal Deodoro localizada em Alagoas. Sendo assim, buscou-se compreender a dinâmica institucional da mesma e, a partir de então, verificar a viabilidade de um estudo dos dados baseados na teoria de análise institucional, abordando os conceitos de autoanálise e autogestão.

Os sujeitos participantes dessa pesquisa foram discentes do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes e rendeiras associadas ao Mercado de Rendas de Marechal Deodoro. Como instrumento foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada, contendo nove perguntas abertas e, para registro das informações, por meio do consentimento das rendeiras, foram utilizados câmera digital e gravador de

áudio. A partir dos dados coletados por meio das falas das artesãs foram analisadas as dinâmicas institucionais da associação, com base na teoria citada acima.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO

A partir do breve contato com a Associação das mulheres rendeiras de Marechal Deodoro, foi possível perceber um princípio básico do processo de institucionalização, pois, mesmo sem ter um conhecimento desse movimento, percebeu-se que as integrantes da associação buscam uma estrutura organizadora com diretorias que realizam reuniões (encontros) com todos os associados para discutir sobre necessidades e demandas que influenciam numa melhor atuação da associação e, conseqüentemente, na vida individual de cada uma das artesãs, contribuindo assim para um possível processo de autoanálise dentro da associação.

Por meio do discurso das associadas compreendeu-se que as mesmas possuem capacidade para identificar suas carências e pensar a respeito de possíveis soluções para as mesmas. Apesar de não podemos afirmar que dentro da Associação das Rendeiras de Marechal Deodoro ocorrem processos de autoanálise e autogestão, é possível pontuar que de acordo com o movimento instituinte, quando uma comunidade é capaz de refletir sobre suas problemáticas ela pode estar apta a passar pelo processo de autoanálise, onde neste, as comunidades são protagonistas e atuam diretamente na identificação de suas demandas, sem a necessidade direta de opiniões de terceiros para essa identificação. Pode-se observar esse fenômeno por meio das seguintes falas: "O problema maior é que aqui não tem nenhum letreiro, muita gente que vem entra aqui por acaso, porque às vezes vê a porta aberta e tem curiosidade de saber o que é esse prédio grande". (Associada 1)

No momento em que a Associada 1 atribui à falta de clientes a não existência de um letreiro para divulgação do galpão de artesanato, ela está de certa forma fazendo uma análise de sua problemática, procurando um motivo que justifique a mesma. Dentro do processo de autoanálise essa reflexão estaria respaldada na identificação de demandas.

Quando dá chuva de vento chega até molhar o outro lado, as meninas aqui tão tendo até algum prejuízo, porque molha a mercadoria e fica com cheiro de mofo. A gente fez um ofício para a prefeitura, faz mais de um mês, e a gente não é atendida. (Associada 1)

Na autoanálise, como já foi mencionado, os indivíduos são participantes ativos no processo de identificação de suas problemáticas, o que de certa forma facilita o entendimento dos mesmos a cerca da dinâmica de funcionamento de seus locais de atuação. A fala acima mostra a forma como uma associada percebe o prejuízo que é emprega-

do às mercadorias com a falta de estrutura que proteja seu local de trabalho da chuva. Ao perceber esse problema a mesma pontua que tentou tomar atitudes que viessem a solucionar essa problemática. Dentro do movimento de análise institucional, além de identificarem suas demandas, o que poderia caracterizar o processo de autoanálise, os indivíduos tentam buscar formas para administrar essas demandas, o que poderia resultar dentro da teoria da Análise Institucional no processo denominado de autogestão.

Ao analisar as falas das associadas, percebeu-se, também, uma visão crítica e consciente da forma que são tratadas por aqueles que deveriam prestar a assistência necessária para uma melhor desenvoltura do trabalho das artesãs, “principalmente a secretaria de turismo, que era pra fixar convênios com Maceió e com outros estados, trazer turistas pra cá (Associada 1)”.

As associadas percebem que possuem a necessidade de um apoio maior para a divulgação de seu trabalho no intuito de atrair mais turistas para a cidade, visto que a economia local, também, se baseia por meio do artesanato.

“Não é só colocar no espaço e esquecer, a gente só teve um ônibus no mês de novembro de turistas aqui pra Marechal, de lá pra cá a gente não teve mais nenhum incentivo turístico, nenhum” (Associada 1). A partir da fala da artesã é possível perceber um sentimento de descaso por parte dos órgãos competentes para com os profissionais que atuam naquela instituição, e ao mesmo tempo percebe-se certa impotência diante do fato. O que faz refletir sobre a importância do papel de um expert, que facilitaria encontrar soluções efetivas.

Porque precisa de um canto porque a cidade se movimenta com o filé e a pesca, então a gente precisa de um canto para expor a mercadoria e uma pessoa que vá lá fora buscar o turista, para trazer pra dentro da cidade, ver a beleza que tem dentro da cidade e comprar o nosso filé. (Associada 2).

Nesta fala fica evidente que as profissionais compreendem o valor de seu trabalho, ao mesmo tempo em que reconhecem as dificuldades enfrentadas e a necessidade de um intermediador que as ajude.

A Autogestão, no contexto das rendeiras, pode ser observada no momento em que, após identificar um problema, foi necessário que as artesãs procurassem o prefeito para auxiliar na solução, como explicitado na fala a seguir que se refere ao momento em que elas necessitaram de um lugar para colocar seus produtos: “Aí ele disse: eu vou pensar no caso, seu caso, e a gente ficou insistindo, aí ele disse: ‘vocês estão me abusando demais, faça o que vocês quiser’, aí a gente encheu a galeria toda de filé” (Associada 2).

Dentro das associações existem hierarquias onde as artesãs designam funções entre si com a finalidade de explorar a potencialidade de cada uma para melhor funcionamento da associação, sem que haja uma influência de poder de uma sobre outra, ficando livres assim para expressar suas opiniões e desejos; “[...] porque eu sou a secretária da associação, aí o que eu não sei eu procuro me informar, geralmente pela internet [...]” (Associada 1).

Em sua teoria Baremblytt (2002) ressalta que a hierarquia dentro do movimento instituinte não caracteriza diferença de poder, privilégios ou arbitrariedade, mas sim certa especialização em algumas tarefas. A partir da fala da artesã é possível compreender que a mesma ocupa um cargo diferenciado (secretária), devido a sua potencialidade, que é colocada a serviço de toda instituição; “[...] a parte da diretoria que é, assim, a minha, tem que procurar local para elas exporem material, negociar como vai ser a exposição, quanto custa [...]” (Associada 1).

Nesta fala também é ressaltada a importância de uma hierarquia que prime por valorizar e utilizar as capacidades individuais de seus membros, pois o desempenho de muitas tarefas influencia no sucesso da organização; “Em questão de documentação eu tenho que pesquisar, faço reunião e explico o que está acontecendo de documentação dentro da associação” (Associada 1).

Baremblytt (2002), também, ressalta que apesar de haver uma hierarquia com divisão de trabalhos, as decisões de fundo são tomadas coletivamente, e essa proposta fica evidenciada na fala da associada quando afirma fazer reuniões para expor o que está acontecendo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do presente estudo foi possível perceber que é necessária uma valorização dos trabalhos das rendeiras, pois é utilizado como fonte tanto de renda como de cultura. Há uma carência de ações direcionadas à associação das rendeiras por parte do governo e de patrocínios alternativos, o que enfraquece a disseminação da renda de filé, pois o artesanato local é um atrativo turístico e de movimentação econômica.

O presente trabalho destaca a relevância da atuação de um profissional mediador nas associações, como por exemplo, um Psicólogo Social, capaz de promover diálogo entre as artesãs, destacando a importância das relações grupais e, a partir disso, estudar sua problemática, levando-as a identificar demandas próprias e buscar ações que promovam as mudanças necessárias.

O psicólogo deve buscar desencadear processos de autoanálise e autogestão em coletivos organizados – o que não é uma tarefa fácil –, uma vez que o profissio-

nal e as associações comunitárias devem se dispor a analisar detalhadamente suas demandas, identificando suas forças e debilidades estruturais e subjetivas para, desse modo, desencadear ações de empoderamento social.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. M. D.; ALVES, J. C. P.; PIZZI, L. C. V. Currículo, cultura e gênero em uma escola alagoana. **Espaço do Currículo**, v.5, n.1, Junho a Dezembro de 2012. p.294-301. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:-giVZ5UGF-wJ:periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rec/article/viewFile/14065/7999+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>> Acesso em: 19 abr. 2014.

ARTESANATO solidário. **Cinco Histórias do Saber**. SEBRAE. João Pessoa: Gráfica JB Ltda., 2003. 48p.

BAREMBLITT, G. F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**: teoria e prática, 5.ed, Belo Horizonte, MG: Instituto Felix Guattari, 2002.

BASE Conceitual do Artesanato Brasileiro. **Programa do Artesanato Brasileiro**. 2012. 66p. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1347644592.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2014.

BORDADO filé é registrado como patrimônio imaterial de alagoas. **Gazetaweb.com**. Disponível em: < <http://gazetaweb.globo.com/noticia.php?c=364979&e=6>>. Acesso em: 28 abr. 2014.

BORDADOS e rendas para cama mesa e banho; **SEBRAE**. 2008. 114p. Disponível em: <[http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/B76CACB231B25350832574DC00454CFC/\\$File/NT00039056.pdf](http://201.2.114.147/bds/bds.nsf/B76CACB231B25350832574DC00454CFC/$File/NT00039056.pdf)>. Acesso em: 22 Abr. 2014.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**, v.II, 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CARVALHO, C. A. P.; VIEIRA, M. M. F.; LOPES, F. D. **Contribuições da perspectiva institucional para análise das organizações**. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_1999/ORG/1999_ORG26.pdf> Acesso em: 9 maio 2014.

COELHO, Daniela A. M. Práticas clínicas e modos de subjetivação-Reflexões ético-estético-políticas. **Mnemosine**, v.1, n.2, Rio de Janeiro, 2005.

CUNHA, T. B; VIEIRA, S. B. Entre o bordado e a renda: Condições de trabalho e saúde das labirinteadoras de Juarez Távora/Paraíba. **Psicologia ciência e profissão**, 29 (2), p. 258-275, 2009.

FARJADO, E; CALAGE, E. & JOBERT, G. **Fios e fibras**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2002.

KELLER, Trabalho artesanal e cooperado: realidades, mudanças e desafios. **Revista de Pesquisas e Debates em Ciências Sociais**. UFG. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/15646/9882>>. Acesso em: 22 abr. 2014.

OLIVEIRA, Ana Paula silva. **Para fazer a trama da memória**: sensibilidade, saberes e lembranças de tecelãs. São Paulo, 2005.

OLIVEIRA, A. P. S. **Memórias de Tecelãs**: Saberes, Sensibilidades e Lembranças de Artesãs Mineiras. PUCCAMP. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/7/artigos/A/Ana_Paula_Silva_Oliveira_41_B.pdf> Acesso em: 27 abr. 2005.

PASSOS, E.; BENEVIDES, R. Passagens da clínica. In: TEDESCO, S.; et.al (orgs.) **Polifonias**: clínica, política e criação. Niteroi/RJ: UFF, 2005.

SEGER, F. D; CHAGAS, A. T. S. **O Psicólogo em Instituições**: Possibilidades e Impasses na Transformação das Demandas de Orientação. Ulbra de Santa Maria, Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0203.pdf>>. Acesso em: 9 maio 2014.

Data do recebimento: 28 de Fevereiro de 2015

Data da avaliação: 03 de Março de 2015

Data de aceite: 03 de Março de 2015

1 Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT.

E-mail: denicarvalho23@yahoo.com.br

2 Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT. E-mail: jacyaraf.melo@gmail.com

3 Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT. E-mail: ianadorta@gmail.com

4 Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT.

E-mail: wanderley_julinha@hotmail.com

5 Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT. E-mail: yakiracosta@gmail.com

6 Psicóloga e docente no curso de Psicologia do Centro Universitário Tiradentes – UNIT.

E-mail: thalitalima@gmail.com